

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

Pix faz brasileiro trocar as parcelas pelo poder de negociar à vista » 2



CULTURA

Jovem poeta transforma vivências da periferia capixaba em versos » 4



ARQUIVO PESSOAL

Vitória, mais quente, busca árvores para aliviar o calor

Temperaturas subiram até 1,3°C em 63 anos; capital tem 34 mil árvores cadastradas, mas arborização é menor em regiões como São Pedro e Centro » 3

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



THIAGO SAVIAN

O brasileiro redescobriu o poder da compra à vista

Após anos acostumado a perguntar quanto cabe na parcela, o consumidor brasileiro começa a fazer uma pergunta diferente: quanto custa pagar pelo dinheiro? Essa mudança ajuda a explicar o novo momento do consórcio.

Outro dia ouvi uma pergunta que, há alguns anos, dificilmente abriria uma negociação: "Quanto fica no Pix?"

Ela já virou parte da rotina. Seja na compra de um celular ou de um eletrodoméstico, muita gente sabe que pagar à vista abre espaço para negociar. O Pix não criou essa lógica, mas consolidou um comportamento: o consumidor passou a entender que dinheiro disponível tem valor.

É por isso que digo, em tom de provocação, que o consórcio virou o novo Pix. Não porque façam a mesma coisa, mas porque ambos ajudaram o brasileiro a perceber o valor de comprar com poder de negociação. Um transformou a forma de pagar. O outro começa a transformar a forma de comprar.

Mas o que acontece quando a compra não custa dois ou três mil reais, mas trezentos mil? Ou um milhão?

Nesse momento, deixamos de

negociar apenas o preço do bem e começamos a negociar o custo do dinheiro.

Durante muito tempo, financiar foi o caminho natural para conquistar um carro, um imóvel ou ampliar um negócio. Escolhia-se o bem e encontrava-se uma parcela que coubesse no orçamento. Pouca gente calculava quanto pagaria, de fato, por aquele dinheiro ao longo dos anos.

Hoje, os juros elevados obrigaram o brasileiro a voltar para a calculadora: vale a pena antecipar um sonho a qualquer custo?

Na minha visão, essa mudança explica boa parte do crescimento do consórcio.

O cenário econômico influencia, claro. Mas acredito que existe algo mais profundo acontecendo. O consumidor está entendendo que comprar bem não significa apenas conseguir crédito, mas escolher como usar o próprio dinheiro.

Segundo a Associação Brasileira

de Administradoras de Consórcios (ABAC), o sistema segue registrando crescimento em participantes ativos, créditos comercializados e negócios realizados, em um cenário de crédito caro.

Mas o dado mais importante está na mudança de mentalidade. Sempre digo que dinheiro precisa ter nome: quando não tem destino, normalmente encontra um gasto. Quando tem propósito, começa a construir patrimônio.

Essa é uma filosofia que aplico dentro da minha casa. Meus filhos aprenderam que guardar dinheiro não faz sentido sem saber para quê. Pode ser uma viagem, um curso ou um carro. Quando damos nome ao dinheiro, ele passa a representar uma escolha.

É isso que o planejamento financeiro faz e que o consórcio estimula.

Costumo dizer que o consórcio é um boleto que você paga para você mesmo.

A frase traduz bem a lógica. No financiamento, você paga para usar um dinheiro que ainda não tinha. No consórcio, constrói gradualmente o próprio poder de compra. Quando acontece a contemplação, deixa de discutir parcelas e passa a discutir preço.

Quem entra em uma concessão ou imobiliária com recursos disponíveis percebe a diferença. O comprador ganha poder de negociação e pode conseguir condições que dificilmente teria em uma operação financiada.

É nesse sentido que o consórcio se aproxima do comportamento criado pelo Pix. Um fortaleceu a cultura do pagamento à vista. O outro permite planejar uma compra para chegar ao mercado com poder de negociação.

Quem financia normalmente negocia parcelas. Quem compra à vista negocia valor.

Isso vale para uma motocicleta,

um caminhão, uma máquina agrícola, um apartamento ou uma empresa que precisa investir. Quem chega com poder de pagamento tem mais liberdade para decidir.

É claro que nem todos podem esperar pelo momento ideal. Existem necessidades imediatas em que o crédito tradicional continuará sendo indispensável. O financiamento tem papel importante na economia.

Mas acredito que estamos entrando em uma fase em que planejamento deixa de ser visto como adiamento e passa a ser entendido como estratégia.

Essa talvez seja a maior transformação: durante décadas, aprendemos a perguntar quanto cabia na parcela. Agora começamos a perguntar quanto realmente custa pagar pelo dinheiro. Parece apenas uma mudança de pergunta, mas é uma mudança de comportamento. E mudanças de comportamento transformam mercados.

Somos diário. Seja no impresso ou no digital

Aqui você realiza, no melhor preço de mercado, a sua publicação legal.



A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim
Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danihcourtinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Boueri
Eduardo Aencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilioti
PH Caetano
Pedro Rocha

**SIGA NOSSAS
REDES SOCIAIS:**

/eshoje
 @eshoje
 eshoje
 eshoje

Vitória esquentada e árvores ajudam a combater o calor

Arborização auxilia no conforto térmico, mas precisa integrar planejamento urbano

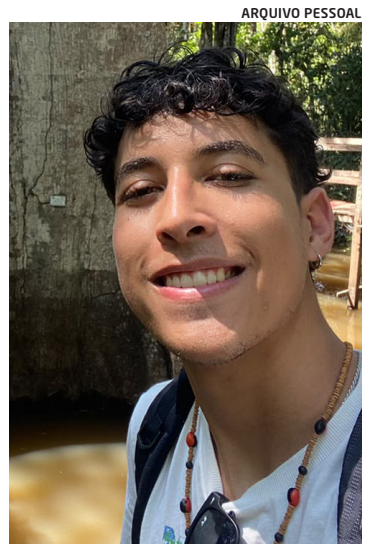
CAROLINA BOUERI
jornalismo@eshoje.com.br

Vitória está mais quente. Uma análise de 63 anos de registros meteorológicos mostra que a temperatura máxima média da capital passou de 28,5°C para 29,5°C entre 1961 e 2023. No mesmo período, a mínima aumentou cerca de 1,3°C. Todos os meses e estações registraram elevação quando comparados os períodos de 1961 a 1990 e de 1991 a 2023.

Os resultados fazem parte da pesquisa desenvolvida na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) pelo geógrafo Wagner Teixeira de Siqueira Filho. No Dia da Árvore, celebrado nesta segunda-feira (21), os números colocam a arborização no centro de uma questão que vai além da paisagem: como preparar uma cidade cada vez mais quente para quem vive e circula nela?

O estudo também encontrou crescimento dos dias e, principalmente, das noites quentes, enquanto diminuíram dias e noites frios. Para Wagner, o resultado mostra que o calor deixa de estar concentrado nas manhãs e tardes e avança sobre a noite.

A pesquisa acompanha as mudanças no clima ao longo do tempo, mas não isolou o efeito da urbanização. Esse componente foi analisado em outro trabalho pelo professor Wesley de Souza Campos Correa, orientador de Wagner.



ARQUIVO PESSOAL

“O calor deixou de estar concentrado nos dias e tardes e avançou à noite”

WAGNER SIQUEIRA, geógrafo

Por meio de modelagem climática, Wesley comparou a Grande Vitória atual com um cenário hipotético em que a área urbanizada fosse substituída por Mata Atlântica. A simulação encontrou diferenças de até 5°C na temperatura média do ar em determinados locais.

Grande Maruípe, em Vitória; Grande Carapina, na Serra; região central de Vila Velha; e Grande Campo Grande, em Cariacica, apareceram entre as áreas com maiores diferenças.

ÁRVORE ONDE O CALOR ESTÁ

É nesse ambiente que a arborização ganha importância. Segundo Wesley, vegetação e sombra contribuem para o arrefecimento, mas não basta espalhar mudas sem considerar onde elas são necessárias.

A distribuição das árvores dentro de Vitória é desigual. A Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semmam) informa que o inventário municipal possui 34.371 árvores cadastradas. Jardim da Penha e Praia do Canto estão entre as regiões mais arborizadas, enquanto São Pedro e Centro apresentam menor presença de árvores.

Para Wesley, essas diferenças também passam pela justiça climática. Áreas mais adensadas, com menos vegetação e infraestrutura insuficiente podem deixar moradores mais expostos ao desconforto térmico.

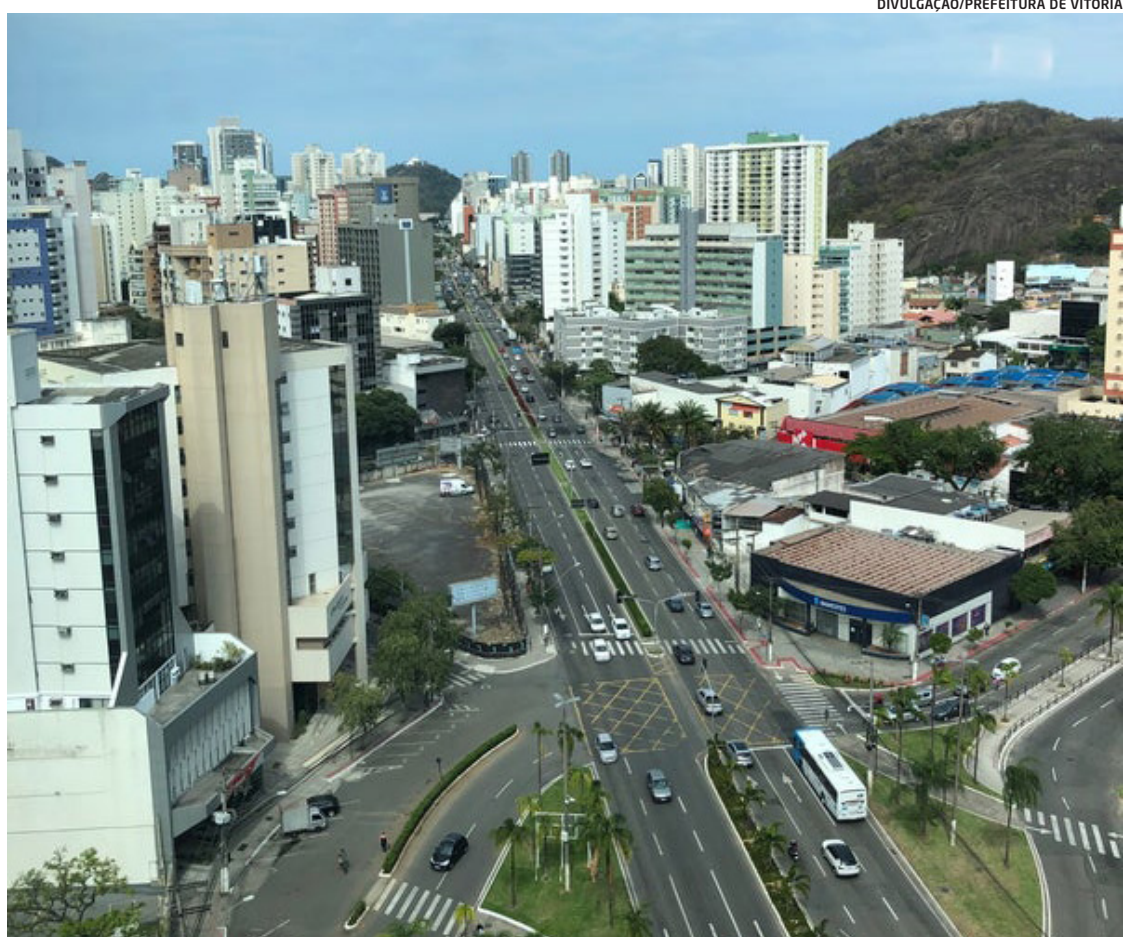
“Não basta somente aumentar o número de árvores na cidade sem importar onde estão sendo colocadas”, afirma.

A Semmam diz usar o georreferenciamento das árvores para identificar trechos com menor densidade de copas. Segundo a pasta, o Programa Vix Flora direciona ações para áreas com déficit de conforto térmico.

Árvore não resolve sozinha

O Vix Flora tem como meta alcançar 370 mil árvores e mudas plantadas até o fim da atual gestão. As intervenções abrangem cerca de 41 áreas, entre parques, morros, unidades de conservação, áreas costeiras e trechos urbanos.

Wesley ressalta, porém, que enfrentar o calor exige mais que arborização. Entre as medidas, cita parques e áreas permeáveis, telhados e paredes verdes, mudanças nos materiais usados em ruas e edifica-



DIVULGAÇÃO/PREFEITURA DE VITÓRIA

A distribuição das árvores dentro da capital capixaba é considerada desigual, aponta especialista

Nem todo plantio está nas ruas

VITÓRIA CONTABILIZA 246.714 plantios, mas o número reúne ações diferentes. Apenas 5.510 correspondem a árvores plantadas em logradouros públicos, como ruas, calçadas, praças, parques urbanos, alamedas e canteiros.

As outras 241.204 são mudas nativas da Mata Atlântica, plantadas entre 2023 e 2026 para recuperação de unidades de conservação e Áreas de Preservação Permanente (APPs).

Segundo a Prefeitura, as árvo-

res urbanas recebem irrigação semanal e podas de condução até aproximadamente 2,5 metros. A taxa de sobrevivência é de cerca de 70%. Nas ações de recuperação vegetal, varia de 70% a 80%.

O plantio de uma muda também não repõe imediatamente os benefícios de uma árvore adulta. Wesley estima que ela pode levar 20 a 30 anos para atingir a maturidade, dependendo das condições e características da vegetação.

NÚMEROS

246 mil

plantios foram feitos em Vitória nos últimos entre 2023 e 2026

5,5 mil

correspondem às árvores plantadas nas ruas

70%

é a taxa de sobrevivência delas



DIVULGAÇÃO/PREFEITURA DE VITÓRIA

Projeto Vix Flora planta árvores em 41 áreas da capital

ções e redução das emissões.

“A árvore é extremamente importante, mas só ela não vai resolver nosso problema”, resume.

O desafio passa, portanto, não apenas por quantas árvores são plantadas, mas por onde estão, quantas sobrevivem e quanto tempo levarão para oferecer sombra e conforto térmico.

Procuradas pelo ES Hoje, as prefeituras de Vila Velha, Serra e Cariacica não responderam até o fechamento desta edição.

Artista de Cariacica lança livro de poesia

Aos 19 anos, Luan dos Santos aborda vivências periféricas e saúde mental em “Não me abduco”

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

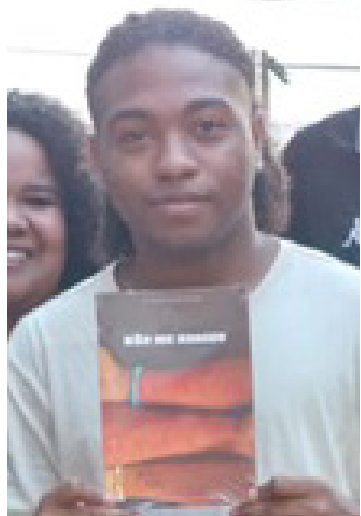
Natural de Nova Canaã, em Cariacica, o jovem autor Luan dos Santos Souza transforma vivências periféricas e dilemas de sua geração em poesia marginal. Aos 19 anos, ele faz de sua escrita um instrumento de acolhimento e de fortalecimento do senso crítico.

Influenciado pelo rap e por nomes como Sabotage e Emicida, Luan estreou na literatura em julho com o livro “Não me abduco”, publicado de forma independente pela editora Uiclap. Na obra, o poeta articula reflexões sociais e saúde mental. A seguir, ele fala sobre sua trajetória e a criação do livro.

ES Hoje: Como a poesia entrou em sua vida?

Luan dos Santos: A poesia entrou na minha vida em outubro de 2021, mas, com o tempo, começou a tomar contornos marginalistas em julho de 2022. Naquela altura da minha vida, eu havia conhecido há pouco tempo o hip-hop e, eventualmente, artistas como Sabotage, César MC e Emicida que, para a minha poesia, foram o molde dos meus textos, já que me inspirei totalmente neles. Mostrei os textos para minha professora de sociologia e ela, junto a amigos, familiares e outros professores, me incentivou a continuar escrevendo.

ARQUIVO PESSOAL



“A juventude e o povo têm muito a dizer. A poesia é um canal para dizer o que não sai pela boca”

Quais são as suas influências artísticas?

Sempre gosto de dizer que as principais são César MC, Sabotage e Emicida (ao menos entre as primeiras). Foram esses os três artistas em que me inspirei quando comecei a escrever. Sabotage era a liberdade expressiva, de onde tirei o molde de como escrever, como rimar, como fazer as palavras se encaixarem fora daquelas simetrias regadas. Emicida vai no mesmo caminho, mas vejo-o também como algo próximo de um símbolo de criatividade. Já César era, mais que tudo, a referência capixaba. Eu sempre achei muito interessante o fato de que ele era uma figura tão intensa e conhecida dentro do hip-hop, sendo do mesmo estado que eu. Me dava uma sensação de proximidade que não via em outras figuras de fora. Claro que, com o tempo, outras várias surgem nos textos, na vida, nas obras.

“Quem ler meu livro encontrará minha vida na poesia reorganizada em quatro partes”

Já teve a oportunidade de encontrar o Cesar e conhecer atores da cena capixaba?

Ainda não, mas um dia sei que vou conseguir. Desde o final de 2025, tenho buscado mais referências capixabas. Neste ano tive a oportunidade de mergulhar na cultura lírica do Espírito Santo, e alguns artistas que conheci se tornaram influências artísticas densas para mim. A escritora Thalia Peçanha, por exemplo, foi uma influência artística fortíssima, pois seu livro é uma experiência incrível. Conhecê-la pessoalmente foi algo maravilhoso também, me inspirou a escrever muito durante este ano. A artista sonora Garoá também, com suas músicas maravilhosas, moldou vários dos textos que escrevi este ano. Marcéu Rosário é um poeta de quem eu já havia lido um livro. Após isso, procurei pesquisar mais sobre o artista, sobre sua arte e trabalho com seu coletivo Poesia Inútil. Mas, se há uma influência que não posso deixar de citar, é o poeta Vitor Miguel, que, apesar de já o conhecer, ti-



Luan dos Santos estreou na literatura em julho deste ano, com a obra: Não me abduco”

ve acesso à sua face artística muito recentemente. Por ser um poeta da mesma quebrada que eu, se tornou uma figura que me mostrou o quanto Nova Canaã e Flexal têm a contribuir com a cultura de Cariacica e do Espírito Santo.

O que o leitor encontrará em Não me abduco?

Três anos da minha vida na poesia. O livro reorganiza esse período em 4 partes. Dentro delas, o leitor poderá encontrar

exaltação da cultura negra, resistência periférica, denúncia à violência, odes à vida, diálogos pessoais sobre saúde mental, reflexões sobre saúde mental e até mesmo poemas ficcionais. Além disso, tento me apresentar como poeta, mostrando as várias faces artísticas que me regem.

Como a poesia dialoga com periferia e saúde mental?

Isso pode acontecer de diversas formas. No meu caso, preferi abordar com denúncias, refle-

“A população periférica sofre com o descaso das autoridades, além de lidar com seus problemas”

xões e críticas; posicionamentos são algumas formas de fazer isso. Sobre periferia, acaba sendo um lugar que tem tudo a ver com arte, pois faz arte quem tem algo a dizer, e quem tem mais a dizer do que a periferia? A juventude periférica tem muito a dizer, o povo tem muito a dizer! Quando falamos sobre saúde mental, a mesma coisa ocorre. Quem não está bem quer falar que não está bem, porém não sabe como. Ou seja, a poesia serve como um canal para dizer aquilo que não sai pela boca. Além disso, a população periférica sofre com o descaso das autoridades enquanto lida diariamente com os próprios problemas pessoais. E a poesia está aí para quem quer ter uma ferramenta para falar o que está soterrado pelo cotidiano.



Lançamento do livro no bairro de Luan, ocorrido em julho